

EDITORIAL

Com este número entra na sua terceira década a *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, que tem cumprido o desígnio inicial de aparecer anualmente. Ao passar da série castanha para a verde, mais que duplicou o seu volume, acontecendo ficarem para o número seguinte artigos que ultrapassavam a possibilidade de publicação. Aumentaram os colaboradores, diversificaram-se os temas, o que veio comprovar a variedade e a riqueza das relações culturais anglo-portuguesas, de que têm constantemente vindo a revelar-se novos temas, em áreas como a literatura, a história, a política, a história económica, a história da arte, a história social, tudo aquilo que podemos incluir na cultura.

O novo número traz uma nova cor, e com ela virão por certo outras modificações, de organização e de responsáveis, que trarão consigo novas ideias. Mudou a cor, mas não mudou o grafismo da capa, o que pode parecer monótono. Todavia, aquele pequeno selo que Mário Vaz tão bem trabalhou há trinta anos é um símbolo – difícil de substituir – do acontecimento político que em 1386 ligou indissolivelmente os dois países a partir de cujo desenvolvimento foi possível imaginar os estudos anglo-portugueses.

Quanto aos colaboradores, continuarão a ser todos aqueles a quem agrada a nossa área de trabalho e tenham algo de interessante a apresentar. Continuam a ter o seu lugar os assuntos que tragam notícias de qualquer país de língua inglesa. Ao dizer isto, cabe aqui uma palavra especial de agradecimento ao Professor George Monteiro, a quem devemos a valiosa série que temos vindo a publicar, resultante da sua incansável pesquisa nos jornais norte-americanos. Para o próximo número temos já um importante estudo sobre traduções americanas de Júlio Dinis e Eça de Queirós. E, claro, não podemos esquecer o apoio editorial que permanentemente nos tem dado, juntamente com

a Professora Patricia Odber de Baubeta. Aos dois um “muito obrigado”.

Nascida como projecto ambicioso e difícil, a *Revista de Estudos Anglo-Portugueses* marcou o seu lugar e foi crescendo, não só em si mesma como também no interesse que tem despertado no mundo, como a pesquisa informática no Repositório da Universidade Nova (RUN) nos permite comprovar, em países tão inesperados como o Senegal. Curiosamente, não é no Reino Unido que atrai maior número de leitores, mas sim nos Estados Unidos da América e no Brasil, que alternam no primeiro lugar.

A nossa revista nasceu de um sonho, tímida e duvidosa, mas todo o esforço teve ampla compensação no modo como cresceu. Cabe agora a todos os que nela têm colaborado o novo esforço de a manter, nas condições difíceis em que vivemos, e imaginar novas hipóteses de trabalho. Creio que são esses os desejos de todos os que têm publicado nela os seus estudos.

Maria Leonor Machado de Sousa